INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA - LICENCIATURA

A ÁFRICA TEM HISTÓRIA:

ENCOBRIMENTO EUROPEU E A PERSPECTIVA AFRICANA NO PENSAMENTO DE JOSEPH KI-ZERBO SOBRE A HISTORICIDADE AFRICANA

YARA SOARES DOS SANTOS

Foz do Iguaçu - PR
2023

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA LICENCIATURA

A ÁFRICA TEM HISTÓRIA:

ENCOBRIMENTO EUROPEU E A PERSPECTIVA AFRICANA NO PENSAMENTO DE JOSEPH KI-ZERBO SOBRE A HISTORICIDADE AFRICANA

YARA SOARES DOS SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva

Foz do Iguaçu - PR
2023

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

Yara Soares dos Santos

A África tem História: encobrimento europeu e a perspectiva africana no pensamento de Joseph Ki-Zerbo sobre a historicidade africana

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientador: Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva
(UNILA)

_____

Prof. Dr. Mamadou Alpha Diallo
(UNILA)

_____

Prof. Dr. Marcello Felisberto Morais de Assunção
(UFRGS)

Foz do Iguaçu, 13 de junho de 2023

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

RESUMO

No momento que a Europa passava por um processo de cientificação de suas ciências humanas, especialmente a História, ao longo dos séculos XIX e XX. O continente africano, além de estar resistindo e lutando contra o imperialismo tardio em seus territórios, os africanos e afrodescendentes se articula intelectualmente pela a libertação do continente, surgindo assim, um dos maiores movimentos anti-imperialista, o Pan-Africanismo, lutando pela libertação e emancipação territorial da África e no mundo das ideias. É dentro deste contexto que Joseph Ki-Zerbo desenvolve seu pensamento de uma perspectiva africana para a escrita da história do continente, que até então, era escrita por europeus, segundo suas interpretações sobre o continente, embasado no eurocentrismo. Então esse trabalho pretende apresentar como a África era retratada pelos europeus, o movimento intelectual africanista, que atuaram para escrever uma nova história da África, com ênfase ao pensamento Ki-Zerbo, que traz uma nova perspectiva de escrita da história africana.

Palavras-chave: Pan-africanismo; Perspectiva Africana; Historiografia; Intelectualidade; Joseph Ki-Zerbo.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

Sumário

1 INTRODUÇÃO..... 5

2 História e eurocentrismo: encobrimento e marginalização dos passados africanos..... 7

3 A África tem História - Joseph Ki-Zerbo e o movimento intelectual pela libertação..... 12

3.1 Pan-Africanismo e a Personalidade Africana..... 15

3.2 Perspectiva Africana..... 18

4 considerações finais..... 23

REFERÊNCIAS..... 24

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo, que consiste no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado ao curso de História Licenciatura, na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), propõe uma análise sobre a História da Historiografia da África, com ênfase ao pensamento do historiador burquinense Joseph Ki-Zerbo (1992-2006). O ponto de partida da pesquisa envolve uma análise crítica ao eurocentrismo dentro do campo da historiografia, sobretudo entre os séculos XIX e XX, seus impactos e consequências sobre a História intelectual do continente africano e os processos de invisibilização dos passados africanos. Esses processos começam a ser questionados, em especial, a partir da década de 1950, sobretudo no bojo de movimentos como o pan-africanismo e a Négritude, que serviram de base e inspiração para diversos movimentos de independência e descolonização na África. Dessa forma, apresenta-se como foi a luta por uma liberdade não apenas em termos territoriais, mas também intelectual e espiritual, ao reivindicarem a escrita de sua própria história.

A trajetória de Joseph Ki-Zerbo, sua proposta de escrita de uma história a partir da "perspectiva africana" e a consolidação de projetos editoriais fornecem evidências para investigar os processos de renovação e ampliação dos estudos africanos e da historiografia sobre África. Como a coleção *História da África*, patrocinada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) - que tem Ki-Zerbo como editor e vice-presidente do comitê executivo responsável pela organização da coletânea. Dessa forma, esse trabalho visa dialogar com os campos da História da Historiografia e da História Intelectual, para enfatizar as trajetórias e produções de intelectuais africanos contemporâneos, a exemplo de Joseph Ki-Zerbo, a partir dos seus diálogos intelectuais e perspectivas políticas sobre a escrita da história da África.

Desde o início, destacamos a coleção *História Geral da África*, como um passo para a reparação e reivindicação da história do continente, dito como *Sem História*. Ademais, historiadores como Joseph Ki-Zerbo possibilitaram problematizar uma série de perspectivas históricas sobre a África consolidadas a partir de uma perspectiva eurocêntrica e colonialista. Destacando a ideia de que a história africana iniciaria apenas a partir dos contatos com europeus a partir do século XV, a uma história que se iniciou com o mercado escravista e com a colonização e exploração européia no continente, visto, nessas narrativas, como um grande marco e a salvação para aqueles povos primitivos. Sendo esse um dos pontos abordados ao longo do artigo, percebe-se o modo que o continente era visto e descrito pela historiografia eurocêntrica. Nessas narrativas informadas pelo racismo científico e pelo darwinismo social, as populações africanas eram retratadas como sub-humanos, inferiores a demais povos de pele não negra. Além disso, um dos pontos que será

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

discutido ao longo do artigo, remete à presença, na historiografia eurocêntrica, da ideia de que os povos africanos não seriam produtores e detentores de conhecimento.

Para problematizar essas narrativas, enfatiza-se a partir de uma perspectiva teórico-metodológica da História da Historiografia e da História Intelectual a trajetória e produção historiográfica de Joseph Ki-Zerbo, com ênfase em seus textos publicados em *História da África Negra* (1972) e no primeiro volume da coletânea *História Geral da África.* A análise detém-se, de forma mais específica, na proposição de uma "perspectiva africana" acerca das formas de escrever a história da África, a partir de um instrumental metodológico atento às circunstâncias e contextos formativos das " formas de representação do passado e, mais especificamente, sobre a disciplina histórica" (TURIN, 2013, p. 79). Além disso, parte de uma compreensão da historiografia tem "como investigação sistemática acerca das condições de emergência dos diferentes discursos sobre o passado", que pressupõe como condição primeira reconhecer a historicidade do próprio ato de escrita da História, reconhecendo-o como inscrito num tempo e lugar" (GUIMARÃES, 2003, p. 23).

Dessa forma, partindo das contribuições do historiador africano Joseph Ki-Zerbo, a pesquisa propõe apresentar, ainda que de forma breve, a sua trajetória intelectual e suas implicações na historiografia africana. O trabalho está organizado a partir desta introdução, com três capítulos de desenvolvimento e as considerações finais. No segundo capítulo será abordado o processo de encobrimento e marginalização da História da África, por parte das ciências humanas na Europa. Ao longo do segundo capítulo, será discutido sobre os movimentos intelectuais realizados pelos africanos, seja no continente ou em diáspora e quais eram suas lutas, além de percorrer pela vida do intelectual Joseph Ki-Zerbo e seu pensamento para a construção de uma história da África, a africanização. Assim concluindo o risco de se seguir uma única história.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

2 História e eurocentrismo: encobrimento e marginalização dos passados africanos

Os processos de invisibilização da história africana insere-se em uma longa tradição de discursos que, pelo menos desde os cronistas greco-romanos da Antiguidade, retratavam as sociedades africanas como bárbaras e primitivas. Nas descrições de viajantes e geógrafos da Antiguidade, exemplo de Heródoto (séc. V a.e.c.) e Ptolomeu (séc. II), eram frequentes as descrições de populações africanas como seres humanos incompreensíveis. Ao longo do período medieval, diversos pensadores europeus reforçaram alguns desses preceitos, como a ideia de que a África seria um continente povoado pelos "descendentes de Cam", isto é, por populações amaldiçoadas à servidão; ou, ainda, a ideia de que a África, pelo calor intenso da região sahariana, estaria mais próxima do inferno (MACEDO, 2001). Mais tarde, a partir da expansão ultramarítima e do colonialismo, muitos desses estereótipos foram reforçados para legitimar a invasão colonial da África e a exploração da mão de obra negra. Pré-conceitos esses que, frequentemente, estavam presentes em debates filosóficos como Immanuel Kant[1], David Hume e Friedrich Hegel. Foi no chamado "*Século das Luzes*" (isto é, o século XVIII, que houve profundos estudos e reflexões sobre a associação entre característica física, com o saber, o intelecto e os valores morais. Kant, Hume e Hegel foram uns dos pensadores que argumentam sobre essa relação, que sua característica expressa a "qualidade" da sua intelectualidade. Nesse contexto, marcado pelo ímpeto iluminista de categorizar sociedades e culturas a partir de uma perspectiva europeia, começam a ganhar forma as primeiras teorias raciais que compreendiam os povos africanos como "sociedades sem-história".

O filósofo Kant categoriza como *Belo* e *Sublime*, o belo como uma obra de arte, encantador e o sublime como algo que espanta, causa medo, ao relacionar as duas ideias com fenótipos humanos. O filósofo diz que, "a pele escura e olhos negros têm mais afinidade com o sublime, olhos azuis e pele clara mais afinidade com o belo (KANT, 1764)", direcionando o branco ao belo e encantador, já o negro ao sublime e assustador. É na obra *Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime: Ensaio Sobre as Doenças Mentais*, que Immanuel Kant, discorre sobre essa ideia, complementando com o pensamento de Hume,

> Os negros da África, por natureza, não têm nenhum sentimento que se eleve acima do trivial. O senhor Hume desafia quem quer que seja a citar um único exemplo de um negro demonstrando talento e afirma que dentre as centenas de milhares de negros que são transportados de seus países para outros, mesmo dentre um grande número deles que foram libertados, ele nunca encontrou um só que, seja em arte, seja nas ciências, ou em qualquer

[1] Immanuel Kant (1724-1804), foi um filósofo de origem Alemã, fundador da "Filosofia Crítica", formado pela a *Universität Königsberg*. Kant, se tornou um dos filósofos mais estudado da atualidade, um dos precursores do pensamento iluminista, tendo como obras principais "*A Crítica da Razão Pura*" (1781) e "*Crítica da Razão Prática*" (1788)." O filósofo dedicou-se à abordagem de questões sobre moralidade, natureza do tempo e espaço, aquisição do conhecimento, política, metafísica, ciência cognitiva e do conhecimento e filosofia da psicologia.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

> outra louvável qualidade, tenha tido um papel importante, enquanto que dentre os brancos, constantemente ele constata que, mesmo se nascidos das camadas mais baixas do povo, estes sempre se elevam socialmente, graças a seus dons superiores, merecendo a consideração de todos. Tanta é a diferença essencial entre estas duas raças; ela parece também tão grande no que concerne às capacidades quanto segundo a cor. (KANT, Immanuel, 1764).

Assim, na escrita de diversos filósofos iluministas como Kant, o negro africano é desumanizado e inferiorizado aos demais povos, logo, a filosofia e todo o campo das ciências humanas, ao categorizar pessoas partindo desta perspectiva, especifica que existem sujeitos e histórias mais importantes a serem registrados e contadas. Quando os negros africanos não eram vistos como incapazes de produzir algo, reconhecido que produziu, não era valorizada, gerando a desvalorização de produções e histórias, criando uma lacuna na cronologia do continente. Dentro de uma perspectiva europeia, compreende-se o início da história africana apenas em termos de colonização e escravidão do continente. A ideia da África como um continente "sem história" reverbera ainda no tempo presente: como, por exemplo, em narrativas acerca da construção das pirâmides no Antigo Egito, que invisibilizam suas origens africanas, apresentando-as como uma construção realizada por alienígenas e não pelo homem africano.

As sociedades africanas eram tão organizadas quanto às ditas como exemplo de civilização a seguir, europeias. A civilização egípcia, é uma referência, anterior à era comum, era estruturada socialmente, politicamente, com política e mercados, interno e externo. Existindo séculos anteriores às discussões teóricas sobre o que é civilização e bem como se organizar, antes mesmo das afirmações e conceitos de teor racista, sobre povos africanos serem sem cultura, inteligência, religião, entre outros, pode-se afirmar de início que há uma negligência e racismo científico ao não olhar para esses povos, sem ter uma superioridade, de compra e posse.

Especialmente nos discursos eurocêntricos do século XVIII e XIX, foi reproduzida a ideia que a África era um continente sem história e dentro da própria historiografia houve discussões sobre como se escreve a História, iniciando a ideia que existe uma história universal que sempre tem como ponto de partida, a Europa. Trata-se de um processo que podemos definir como um movimento ideológico e racial de universalização da história eurocêntrica que, principalmente ao longo do século XIX, contribuiu para a legitimação pública da exploração colonial no continente africano. Assim foi imposto esse movimento como referência para todas as outras sociedades e culturas, muitas das quais foram idealizadas e escritas a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Aquele povo que não segue padrões de desenvolvimento associados à Europa seriam caracterizados como carentes de civilização, localizados em uma temporalidade "pré-histórica".

Como se sabe, o pensamento científico e filosófico nos séculos XVIII e XIX presentes em, autores considerados como "clássicos" do cânone ocidental, a exemplo de Voltaire, Vico,

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

Condorcet, Marx e Engels e até mesmo Kant e Hegel, são referenciados como fundadores da Teoria da História ou da Filosofia da História. Muitos desses pensadores tinham como conjectura a ascendência da humanidade em direção a um estado ideal e, portanto, estavam influenciados por noções de progresso e evolucionismo. Para diversos intelectuais do século XIX, o darwinismo social serviu de base "científica" para esse pensamento, e que pressupunha que ao longo do processo evolutivo das espécies, uma raça iria se sobressair a outra; ou, ainda, que existiriam "raças superiores", sendo a raça branca caucasiana descrita como a mais evoluída das demais e que consequentemente existe uma desigualdade entre as raças. Com base nesse pensamento da evolução do ser humano e qual raça melhor se saiu nesse processo, logo, compreende-se que existe uma estrutura social e relação de poder com embasamento racial.

> No século XIX, as crenças científicas, oriundas das concepções do Darwinismo Social e do Determinismo Racial, alocaram os africanos nos últimos degraus da evolução das 'raças' humanas. Infantis, primitivos, tribais, incapazes de aprender ou evoluir, os africanos deveriam receber a benfazeja ajuda europeia, por meio das intervenções imperialistas no continente (OLIVA, Anderson, 2023, p.436).

Para a intelectualidade europeia do século XIX, seria possível comprovar através da antropologia física, a existência de raças "superiores" e "inferiores". Dentro dessa visão, as "raças superiores" detém tecnologias mais avançadas, exércitos militares mais poderosos, logo sendo mais avançada ou civilizada. Assim, estavam mais próximos de um caminho de sucesso e evolução da humanidade. Na perspectiva do chamado racismo científico, isso era o reflexo da diferença de raça, ou seja, questões biológicas eram utilizadas para explicar questões sociais ou culturais. Esses clássicos autores, contribuíram de fato para justificar, com base na crença da superioridade da civilização europeia, domínio e a violência colonial em âmbito global.

Esse pensamento impactou nas Ciências Humanas e na construção das mesmas. Conforme Muryatan Barbosa expressa:

> Assim entendido, é hoje perceptível o quanto este eurocentrismo esteve presente nos textos clássicos que fundaram a historiografia moderna no Iluminismo, deturpando a visão dos europeus acerca dos demais povos do mundo.Estes eram vistos, então, na melhor das hipóteses, como crianças a serem educadas pelas luzes da Razão (BARBOSA, 2018, p.47).

É notável que a colonização do continente não ocorreu somente através do imperialismo militar, mas também intelectual, ao dizer que os povos africanos eram selvagens e sem educação, logo, era necessário o branco salvador para realizar esse papel, e de levar luz para o continente que só tem miséria e paganismos. As Ciências Humanas também reproduziram esse imperialismo colonial através da formação dos seus cânones, isto é, dos autores e obras clássicas, lidos e

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

valorizados até nos dias atuais. Por trás da construção discursiva da história do continente, existia interesses políticos e econômicos ao retratar uma história pejorativa do continente e de seus habitantes: isto é, negar ou invisibilizar a história africana como forma de legitimar os processos de invasão e colonização.

Convém destacar aqui que o século XIX, momento de intensificação da exploração colonial na África, também foi o período em que a História constituía-se enquanto um campo científico, buscando inspiração nos métodos fornecidos pelas Ciências Naturais. Naquele momento, a História, especialmente na chamada "escola positivista" ou "metódica", ancorava-se numa perspectiva da história política, focando nos processos de construção dos Estados nacionais e com ênfase na história dos "grandes heróis" ou eventos considerados como fundacionais na comunidade política. Além disso, a pesquisa em História era feita sobretudo com documentos escritos, de modo que as sociedades da oralidade, a exemplo de diversas culturas e sociedades na África subsaariana, seriam consideradas como "sem história" e, por isso, de pouco interesse aos historiadores.

Assim, a História estava se questionando e buscando sua validade científica, através de perguntas precursoras, como "O que seria um objeto de estudo para a História?", "O que podemos considerar historiografia?", "Quem produz História?" ou "Como se escreve a História?". Debate esse que ficou no continente europeu, realizado por europeus, pensado em uma história única, embasada em uma discussão epistemológica eurocêntrica.

A partir da década de 1930, inicia uma "revolução" na historiografia, com o surgimento da então da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, ou simplesmente Escola dos Annales. A "Escola dos *Annales*" emergiu no século XX como uma nova proposta metodológica no campo das análises historiográficas. Um dos aspectos entendido como "revolucionário" no empreendimento em que se lançaram os seus fundadores, Marc Bloch e Lucien Febvre, caracterizou-se pela superação dos "ídolos da tribo dos historiadores", se posicionando contra a história tradicional, a história política e a dos eventos". Os historiadores associados à Escola dos Annales contribuíram com uma série de novos conceitos e metodologias de investigação histórica, a exemplo da chamada "história das mentalidades" e dos estudos sobre processos históricos em "longa duração". Em algumas pesquisas desenvolvidas no âmbito dos Annales, a história africana era tematizada como parte da história europeia, em especial dos processos de expansão ultramarítima: um dos primeiros artigos publicados por Fernand Braudel, por exemplo, tinha como tema a presença de espanhóis no norte da África. Mas, de um modo geral, a história do mundo não-europeu permaneceu relativamente afastada da perspectiva dos Annales (BURKE, 1992).

A história da África não foi retratada até esse momento, por falta de conhecimento, é válido ressaltar que quem escreve a História, tem grandes poderes. O continente foi marginalizado,

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

pois era necessário para a Europa se justificar de seus atos. E tudo que escapava de uma perspectiva eurocêntrica, foi inferiorizado.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

3 A África tem História - Joseph Ki-Zerbo e o movimento intelectual pela libertação

A África estava sendo delimitada a uma perspectiva eurocêntrica e tendo suas histórias relatadas por europeus, para manter seu imperialismo e colonialismo militar e intelectual. Na década de 1950, iniciam-se movimentos em busca da independência do continente realizados por africanos e afrodescendentes, no continente e/ou diáspora. Foi uma luta pela libertação colonial do continente que implicava também na reivindicação pela reescrita da história da África, para além dos parâmetros europeus, ou melhor, seria a luta para escrever a história de um continente que não teve sua verdadeira história escrita e contada. Através desses movimentos, é possível analisar o crescimento dos intelectuais africanos dentro do campo das ciências sociais.

Esse movimento intelectual foi um marco importante para a África e para a renovação e ampliação das ciências sociais, já que diversos pensadores do continente africano e da diáspora refutaram-se da tese de que não eram capazes de produzir conhecimento científico. Com essa atividade, apresentou-se como eram suas produções sobre história da África e como não só se escrevia fora dos moldes europeus ou estadunidenses, mas através de uma perspectiva africana. Tendo intelectuais como Cheikh Anta Diop (Senegal), Joseph Ki-Zerbo (Alto Volta), Elikia M´Bokolo (República Democrática do Congo), e anteriores à década de 1950, como Marcus Mosiah Garvey (Jamaica) e W. E. B. Du Bois (E.U.A), entre outros, os quais embora suas obras fossem essenciais para a escrita sobre África, muitos dos intelectuais que estavam escrevendo sobre a história do continente não eram historiadores. Entre eles havia psiquiatras, sociólogos, antropólogos e políticos, estavam escrevendo sobre a África, partindo de suas perspectivas e áreas de atuação.

Através das obras desses intelectuais, tornou-se possível analisar e compreender a história do continente, a formação e funcionalidade de suas sociedades e culturas. Os mesmos se formaram na Europa ou nos Estados Unidos, dentro das epistemologias racistas e imperialistas. Ao longo de suas formações, se posicionaram contra ao sistema e iniciaram as produções anticoloniais e de resistência africana, buscando reafricanizar a África e construir uma unidade africana. Em meados do século XX, no meio do racismo científico e no pensamento eugenista, em contexto de guerras, imperialismo tardio e formação dos Estados-Nações, a elite intelectual teve ascensão.

A sociedade intelectual africana estava produzindo conhecimento científico não somente através de documentos escritos, já que, segundo os autores Silvio A. Carvalho Filho e Washington S. Nascimento (2018, p.18), “os intelectuais africanos foram *hábeis* na arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando, cantando, opinando em média, fazendo cinema”. Nesse ponto, é preciso considerar a centralidade da oralidade para a história da África, de modo que diversos historiadores africanos e africanistas empreenderam um movimento de incorporação de tradições

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

orais como fonte para a compreensão dos passados africanos. Embora se apropriaram de teorias do conhecimento não-africana, a base para a formação de seus pensamentos eram de suas origens e ancestralidade.

O movimento que a intelectualidade africana realizava era extremamente político, anticolonialista e antiimperialista, utilizando também dos meios de comunicação para disseminar suas opiniões para a população, denunciando todo o sistema e a influência negativa da Europa. Assim, as consequências da invasão colonial na vida social, cultural, política e econômica de todo um continente resultou na desumanização e na escravização de sociedades africanas, entre inúmeras atrocidades que os europeus cometeram no continente em nome da fé cristã e de valores civilizacionais, do racismo científico, da supremacia racial e do imperialismo.

O historiador Joseph Ki-Zerbo foi um dos intelectuais que atuou no movimento de libertação, descolonização do território e do pensamento africanos, tornando-se um dos maiores historiadores africanos de referência sobre a História da África e prestigiado por vários meios. Ki-Zerbo nasceu no ano de 1922, oriundo de Alto Volta, território que a partir de 1984 se tornou República de Burkina-Faso, localizada na África Ocidental. No período colonial, seu país fazia parte do império francês, cuja posse colonial foi oficializada após a Conferência de Berlim[2]. A educação primária de Ki-Zerbo foi em uma escola missionária católica[3], concluindo seus estudos em Dacar, capital de Senegal. Enquanto estudava, Joseph trabalhou como vigia, jornalista e até como funcionário em estradas férreas . Isso gerou seus primeiros contatos políticos, com sindicatos da classe proletária e seus primeiros passos com o socialismo africano.

Foi na Universidade Sorbonne (França), uma das universidades mais renomadas do mundo , que Joseph Ki-Zerbo graduou-se (1949 a 1953) e tornou-se Doutor em História (1956). Entre esse intervalo, diplomou-se em Ciências Políticas, pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris - *Sciences Po Paris*. Desde o início de sua vida acadêmica, o historiador burquinense, estava articulado politicamente. Atuou na Federação dos Estudantes da África Negra em França, Associação dos Estudantes Voltaicos em França e na Associação dos Estudantes Católicos Africanos, Antilhanos e Malgaxes. Contribuiu intelectualmente, dentro dos movimentos, pela independência da África.

---

[2] A Conferência de Berlim ocorreu de novembro de 1984 a fevereiro de 1985, momento esse que ocorreu a partilha do continente africanos, entre as grandes potências europeias. O principal objetivo da conferência era o de coordenar os diversos projetos de exploração e colonização do continente africano, prevenindo conflitos ou tensões entre as potências. Cada país participante, ficou com um "pedaço" da África, e essa partilha iria se concretizando, conforme os exércitos iam explorando e ocupando os territórios. Processo esse, extremamente violento no continente, com guerras e articulações de forças europeias com reinos africanos, para a ocupação de inimigos em comum. Além das violencias, pós conquitas, como a escravidão, bem como, a violencias esperitual, ao impredirem dos africanos de cultuarem seus proprios Deuses e seguigrem ao Catolicismo. A Conferência foi somente uma concretização do que já estava ocorrendo no continente, a África já estava sendo colonizada e explorada pelos europeus.

[3] O historiador era filho de Alfred Simon Diban Ki-Zerbo, conhecido em Alto Volta, como o primeiro Voltaico a se converter ao catolicismo. Sendo assim, Ki-Zerbo realizou seus estudos em escolas católicas.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

No ano em que recebeu o grau acadêmico de Doutor em História, começou a lecionar e tornou-se o primeiro africano a conseguir o grau de professor titular de história na França. Foi ao longo desses anos em Paris, que teve contato com intelectuais vinculados ao movimento da Negritude e ao movimento pan-africano, compartilhando ideias que acreditava. Dentre esses intelectuais, destacam-se Cheikh Anta Diop, Aimé Cesaire, Léopold-Sédar Senghor, Amílcar Cabral e Agostinho Neto, com os quais teve esse intercâmbio intelectual e que também estariam envolvidos nos processo emancipatórias do continente africano.

Já como professor de história, Joseph retorna para África em 1958, para lecionar na Universidade de Dacar, no Senegal. Foi quando Ki-Zerbo contribuiu para a fundação do partido Movimento de Libertação Nacional do África (MLN), inspirado na trajetória de Kwame Nkrumah[4], e do seu papel no processo de independência de Gana (antiga Costa do Ouro) no ano anterior.

> Temos despertado. Não vamos mais dormir. Hoje, a partir de agora, há um novo africano no mundo! A nossa independência é sem sentido a menos que seja ligada com a libertação total de África (NKRUMAH, 1957).

Com o discurso por uma Unidade África e a luta pela independência dos demais países do continente, Nkrumah influenciou outros intelectuais, como Joseph, a fundar o partido, que esteve à frente até sua morte em 2006 . O MLN tinha como base principal a independência imediata, a formação da unidade africana com a criação dos Estados Unidos da África e o socialismo africano (ABDELMADJID, 2007, p. 26-29), além de ser um partido de ideologia pan-africanista.

> O programa do Movimento de Libertação Nacional era extremamente claro e rigoroso neste aspecto. Era pela independência em relação aos poderes estrangeiros, pela unidade e por um socialismo assentado nas realidades, nos interesses e valores da África. Este programa independentista, anticolonial, anti-neocolonial e progressista visava transformar a África. [...] Esta linha política é dificilmente compatível com o tipo de regimes que tivemos sucessivamente, primeiro no Alto Volta e depois em Burkina Faso (KI-ZERBO, 2009, p. 116).

O partido nasceu como uma oposição ao presidente francês Charles De Gaulle, que tinha como proposta a manutenção de uma Comunidade Franco-africana, que seria um processo de independência gradativo e controlado pela França, para não perder seu controle e influência política e econômica sobre seus países-colônias, os países seriam “livres”, mas quem seria responsável por decisões de essencial importância, como economia, relações exteriores, seriam o governa da França,

[4] Kwame Nkrumah, se formou na Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, na década de 1950, com influências do pensamento pan-africanista e líder do movimento pela independência de Gana do imperialismo europeu. Se tornando o primeiro presidente de Gana. Desde o início de sua vida acadêmica, Nkrumah esteve envolvido com políticas e na militância pela libertação do continente africano, fundado o partido *Ponvention People's Party (CPP)*.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

direto de Paris mantendo a relação metrópole-colônia.

Dois anos depois, Ki-Zerbo retorna para Alto Volta, após conquistarem a independência, em 1960. Como um professor já reconhecido, envolve-se em projetos educacionais no país recém independente, assumindo até o cargo de diretor-geral da educação nacional. Mas, no início da década de 1960, o primeiro presidente voltaico, Maurice Yaméogo, instaurou uma ditadura e voltou-se aos interesses estrangeiros, o que desagradou a trabalhadores, estudantes e aqueles que haviam mobilizado grandes esforços para uma verdadeira independência do Burkina-Faso e o MLN, precisando agir na clandestinidade. Tal posicionamento de Yaméogo, gerou revolta na população de Alto Volta, que se opuseram e manifestaram na rua panfletos e revistas. Consequentemente, no ano de 1966, ocorreu a queda do regime ditatorial.

É ao longo do período de conflitos em Alto Volta, que Joseph Ki-Zerbo, esteve envolvidos em congressos e comissões sobre estudos em África, foi presidente a Comissão de História e Arqueologia do Primeiro Congresso de Africanistas, realizado em Acra, em Gana, no ano de 1962 e também da Comissão Consultiva para a elaboração dos programas universitários dos novos países africanos. O historiador, vai se apresentando como uma figura política importante e de referência, ao se envolver com as políticas e instituições interna e externa de seu país, na busca de uma unidade africana como idealizado na fundação do partido MLN. Além disso, atuou ativamente em congressos, conselhos e comissões ao longo das décadas de 1960 a 1980.

É somado com as contribuições e troca de saberes entre os intelectuais envolvidos, que do anos de 1962 a 1969, Ki-Zerbo inicia e conclui a escrita de uma de suas obras mais importantes, *História da África Negra*, tendo sua primeira edição publicada no ano de 1972, e que pode ser considerada como um ensaio para o projeto editorial da UNESCO, *História Geral da África*. O próprio Ki-Zerbo diz ser uma obra imperfeita sobre a história da África, que era um processo que seria necessário prosseguir, afinal, é um continente que teve a sua história marginalizada desde o princípio, porém Joseph dá um passo importante na reconstrução da história e da historiografia.

3.1 Pan-Africanismo e a Personalidade Africana

O Pan-Africanismo foi um movimento ideológico de resistência pela emancipação social, econômica, cultural, política e intelectual dos povos africanos e de suas diásporas, o que igualmente implicava em uma forma de compreender e escrever a História, recuperando os agenciamentos e protagonismos negros. O movimento compreendia que os africanos e afrodescendentes tinham um propósito final em comum, sendo a libertação e o retorno para África. Portanto, para além de um

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

movimento político, é um movimento ancestral de pertencimento ao continente de origem, seja físico como retorno para África ou espiritual sendo negro em diaspora, mas que reconhece seu local de origem.

Antes do pan-africanismo, houveram outros movimentos e tentativas ao longo do século XVIII, voltados à luta e união do povo negro no continente e na diáspora, especialmente contra o tráfico de escravizados da África e até movimentos de retorno para o continente. Portanto, as origens do movimento pan-africano estão relacionadas com as circunstâncias da diáspora africana rumo à América. Entre fins do século XIX e início do século XX, o ideal seguido pelos precursores do movimento era de visões positivas e internacionalistas, acerca da identidade étnico-racial entendida como comunidade negra: africana e afrodescendente. Na primeira fase, nomes como de J. Horton, E. Blyden, S. Williams, J. Hayford, M. Garvey e W. E. Du Bois eram destaques dentro do movimento. Foi nesse momento que ocorreu o primeiro congresso pan-africanista, em Londres em 1900, intitulado como Conferência dos povos de cor. A conferência foi idealizada e convocada pelo advogado e percursor Henry Sylvester Williams (1869-1911), um dos fundadores da Associação Africana (Londres), preocupava-se com violência e injustiças cometidas nas colônias da Grã-Bretanha, traçando como objetivo atrair a atenção das autoridades.

Como define o historiador afro-britânico, Hakim Adi, "o pan-africanismo pode ser visto mais proveitosamente como um rio, com muitos fluxos e correntes" (ADI, 2022, p. 41)Ao longo da história, tivemos vários intelectuais escrevendo e propagando sobre a ideologia pan-africana, com metodologias diferentes, mas sempre com o mesmo objetivo de unificação e libertação de povos africanos no continente e na diáspora. É nesse contexto que é fundada a revista do mundo negro com o maior prestigio no século XX, a *Présence Africaine: Revue Culturelle du Monde Noir* ou *Présence Africaine*, no ano de 1947, pelo escritor senegales Alioune Diop, em Paris (França) e Dakar (Senegal). Tinha no corpo editorial intelectuais africanos ou de descendência africana, escrevendo sobre África, em áreas distintas como das artes, da literatura, da música, da psicologia e da história, mas sempre com o caráter político e/ou político-cultural.

Sendo assim, o século XX é um marco para a intelectualidade africana, que juntos, mesmo divergindo nas metodologias, idealizavam e lutavam por uma África livre do colonialismo e imperialismo europeu e do racismo institucional e estrutural. Afinal, mesmo após as abolições da escravatura, não houve politicas de reparações ou inserções do negro ex-escravizado na sociedade, inclusive ao longo da história, ocorreram movimentos e politicas de inferiorizção do negro, como a segregação racial, politicas eugenistas e até para não se culpabiliziar pelas atrocidades cometidas no continente.

Com isso o movimento surge e se concretiza, como uma oposição aos paradigmas

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

esperados do continente, pois rompeu com a ideia que a África era um continente que não produziam nada, descrevendo o negro como um ser não evoluído, diferenciando a selvageria com a civilidade, além de terem produzido, fizeram-se serem ouvidos. À vista disso, pode-se dividir o pan-africanismo em duas gerações: A precursora, que contou com nomes como Alexander Crummell, James Africanus Horton, Edward Blyden, W. E. Du Bois e Marcus Garvey[5], intelectuais com o mesmo princípio da libertação do povo africanos. Porém , por meios diferentes, temos Garvey, que compreendia a necessidade de um retorno para a África e Blyden, apresentando o conceito de "personalidade africana", que anos depois, iria influenciar no pensamento de Ki-Zerbo e como ideia inicial seria o reconhecimento dos valores africanos e seus povos. Além de conceitualizar a africanização da África, Blyden entendia que africanizar a África era um processo em busca da "unidade africana", sendo necessário a partilha entre os povos.

Já a segunda geração, inicia-se no período entreguerras, e, com base na historiografia, podemos dizer que houve duas fortes vertentes nessa geração: uma de caráter cultural e outra histórica. O pan-africanismo cultural obteve influência e se encontrou com o movimento da Négritude, idealizado por intelectuais africanos e afrodiaspóricos que viviam na França entre as décadas de 1920 e 1930, como Aimé Césaire (Martinique) e Léopold-Sédar Senghor (Senegal). O movimento Négritude, tinha como princípio, o reconhecimento de ser negro e a valorização da cultura negra na formação da civilização global. Essa luta foi exposta através da poesia, teatro, entre outras manifestações políticas. Conforme Muryatan Barbosa, Césaire decorreu sobre a "personalidade cultural africana, cujos aspectos primordiais seriam a identidade, a fidelidade e a solidariedade para os povos negros de todo mundo (BARBOSA, 2020, p. 47)".

O chamado pan-africanismo histórico consiste em um movimento intelectual que ganhou forças a partir da década de 1950, momento em que iniciam os trabalhos voltados para a compreensão e análise da história do continente africano partindo de uma "perspectiva africana". A intelectualidade pan-africanista começa a desenhar novas historicidades para a África, dentro de perspectivas africanas, pan-africanas e nacionalistas. É a partir desse momento que os historiadores africanos e afrodescendentes olham para o continente não só criticando a historicidade até então que se tem do continente, mas também como escrevem manuais de metodologia acerca da escrita e pesquisa em História da África. Desta forma, destacamos que o historiador Joseph Ki-Zerbo faz parte dos intelectuais pan-africanos dessa geração, integrou um movimento de intelectuais que estavam escrevendo sobre a história do continente e criticou o eurocentrismo ao mostrar que o

[5] Segundo Barbosa (2020, p. 35), Garvey não era um acadêmico, mas sim um político que se comunicava muito bem. Tinha o posicionamento anti-integracionista, acreditando que Deus criou um continete para cada raça, "o branco" na Europa, "marrons" e "amarelos" na Ásia e os "negros" na África. E a América como lar para os indígenas. M. Garvey foi quem idealizou o projeto de volta à África, além de pensar em uma África unida e federada.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

continente tem a sua história, para além da colonização e exploração.

Portanto, percebe-se que Joseph Ki-Zerbo obteve não só influências do Pan-Africanismo na formação de seu pensamento, como também contribuiu para a ampliação e renovação da historiografia africanista. Seu contato com o movimento pan-africano ocorreu ainda na graduação, quando houveram intercâmbios intelectuais, entre ele e demais pensadores. Além disso, tendo contato com o socialismo africano desde sua adolescência, foi no pan-africanismo que firmou seus ideais, adotando, também, a ideia da personalidade africana, já conceitualizada por outros pan-africanos.

É no ensaio *The Negro-African Personality*, publicado no ano de 1956, na revista *Présence Africaine*, que o Ki-Zerbo defende sua tese sobre a personalidade africana. O ensaio foi dividido em três partes. Na primeira, define as características clássicas desta suposta "personalidade" de acordo com a realidade histórica e geográfica do continente. Segundo ele, o relativo isolamento e atraso tecnológico, além de uma tradição não codificada (oral) das populações africanas, teriam formado uma vida social voltada para o coletivismo, a gerontocracia e a solidariedade. Para Ki-Zerbo, as marcas essenciais da "personalidade africana", que possuiria tanto tendências positivas (anti-individualismo, fraternidade), quanto negativas (tendencialmente autoritárias). Mas, em sua interpretação, tal personalidade estaria se perdendo, devido a influência de fatores externos, como o capitalismo, com seu individualismo, exploração e acumulação de riquezas. Então o historiador defende o renascimento dessa personalidade através do desenvolvimento endógeno, que teria como base ideológica o pensamento pan-africanista, a unidade e a integração africana (KI-ZERBO, 1962). Então, para Ki-Zerbo, a base da personalidade africana, se torna o coletivismo, a gerontocracia e a solidariedade. Ou seja, do ponto de vista histórico e conceitual, só a crença no coletivismo africano os une.

3.2 Perspectiva Africana

Joseph Ki-Zerbo, para além de sua atuação política e social, era historiador e foi por meio do seu ofício que ocasionou uma revolução na historicidade da África e na historiografia mundial. O historiador organizou e editou o primeiro volume da obra que apresentava ao mundo um novo modo de escrever a História da África, quais as fundamentações teóricas e metodológicas. A obra, que foi titulada como *História Geral da África*, foi publicada pela UNESCO, a partir do ano de 1980. Trata-se de uma coletânea de oito volumes, totalizando 7357 páginas sobre o continente considerado durante muito tempo como "sem-história". Foi produzido por mais 350 especialistas

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

que estavam sob a direção de um Comitê Científico Internacional formado por 39 intelectuais, dos quais dois terços eram africanos, incluindo Joseph Ki-Zerbo como vice-presidente.

Anterior à publicação do primeiro volume *História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África (1981)*, em que Ki-Zerbo escreveu a *Introdução Geral*, o historiador publicou o livro *A História da África Negra* (1972) que até então era a obra mais completa sobre História da África e também um ensaio para a coletânea História Geral da África. Ambas obras têm prestígio dentro da Historiografia e nas ciências sociais, seja por ser um trabalho sobre metodologia de pesquisa em África, ou pela minuciosidade das obras de um áfricano afirmando que sim, a África tem história e que não precisa de um mediador para contar suas histórias.

É a partir de ambas obras, mais especificamente das introduções, - uma intitulada como *Introdução Geral* (HGA) e na outra *As tarefas da história na África* (HAN), - que é analisado o trabalho historiográfico de Ki-Zerbo, dissertando sobre a *perspectiva africana* para se escrever a história do continente, sem conter parâmetros de pesquisa e referência em teorias receitas e eurocêntrica. A obra História da África Negra foi publicada no ano de 1972, porém, Ki-Zerbo ficou quase uma década escrevendo o livro. No preâmbulo da obra, demarca a ausência da África dentro no ambiente intelectual e destaca como ela nasce de um sonho e um desejo para seu continente.

> Este livro, começado em Uagadugu (Alto Volta) em 1962 e concluído durante o Festival Pan-Africano de Argel em 1969, nasceu de um sonho de estudante. Aprendiz na Sorbonne no ofício de historiador e aplicado a explorar os fundamentos remotos e recentes do mundo de hoje, senti-me impressionado pela ausência quase total do continente africano, e em particular do mundo negro, na mensagem dos nossos guias espirituais e nos nossos trabalhos universitários laboriosos e sutis. Por vezes, no meio de um curso sobre os Merovíngios entrevia, como numa miragem, a savana sudanesa queimada pelo sol, com a silhueta bonacheirona de um imbondeiro pançudo, hirsuto e trocista... E nasceu em mim o projeto mudo e violento de retornar às raízes da África. Mas, diz o provérbio, não é com os olhos que se mata o búfalo" (KI-ZERBO, 1999, p. 11).

No texto introdutório o historiador fornece uma lição de teoria e metodologia da História, sobretudo em relação à necessidade de se estabelecer parâmetros mais adequados para formação social. Além de estruturar sua concepção de história com base em métodos rigorosos e fontes adaptadas às realidades políticas, sociais e culturais, Ki-Zerbo fez de seu ofício de historiador um manifesto a favor de uma história da África construída pelos africanos. Considerando sua obra, é um passo para esse objetivo e que outros intelectuais aderissem a esse propósito.

> "A obra, essa, imperfeita e por vezes, aproximativa, é lançada como uma garrafa ao mar, na

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

> esperança de que a sua mensagem seja recolhida sobretudo pelos jovens e contribua para desenhar em traços autênticos a fisionomia tão pouco conhecida, tão desfigurada, da África de ontem, fornecendo assim as bases para melhor a compreender e para uma mais decidida determinação no sentido de construir a África de amanhã"(KI-ZERBO, 1999, p. 13)

Ki-Zerbo, enfrenta a "barragem de mitos"(FLORES,2019) que existe não só dentro do campo intelectual, como no senso comum, em especial a ideia de que a África não teria história antes da invasão colonial, e que suas populações eram sujeitos passivos ao longo da História e que seus processos históricos seriam promovidos pela interferência estrangeira, sobretudo europeia. Como se viu, essa foi a ideia que os clássicos do pensamento europeu escreveram, como Hegel que em 1830 disse que a África tinha um"espírito a-histórico", afirmando que era um continente sem história e que os africanos não seriam capazes de progredir. Dessa forma, Ki-Zerbo denuncia essa barragem, sendo necessário desmistificar essas ideias a partir de critérios metodológicos que valorizem os desenvolvimentos históricos característicos do continente africano. Portanto, questiona-se quais métodos utilizar para escrever a História da África? Porque a historicidade do continente foi negligenciada pela história e pela ciência?

O historiador compreende a ideia de descolonizar o conhecimento histórico e "africanizar" a história da África, e para isso apropria-se do método do "conhecimento endógeno", em suprir os africanos de um maior conhecimento de si e mais poder de desenvolvimento e transformação de suas realidades,

> A África, porém, preocupada com o problema do seu desenvolvimento, não se ocupa muito em ressuscitar o seu passado. As despesas neste setor são consideradas um luxo. E, contudo, o conhecimento da história africana deve ser olhado como uma parte integrante do desenvolvimento, mesmo econômico. Com efeito, como pedir a um camponês que aumente a produtividade e que se lance na batalha econômica, se não sabe, pelo menos sumariamente, o que está em causa? Para alguém se sentir empenhado na construção do futuro é preciso que se sinta herdeiro de um passado. Importa pois que o homem de Estado africano se interesse pela história como parte essencial do patrimônio nacional que ele deve gerir. (KI-ZERBO, 1989, p. 36).

Assim o autor defende que, além da cientificidade dos trabalhos sobre África, é preciso ser humanizado e africano Ao falar sobre os mesmos, então que sejam eles produzindo e sendo referência das suas próprias histórias.Assim de forma clara, Ki-Zerbo aponta a necessidade de escrita da história a partir da perspectiva africana. O autor demarca que não é possível analisar a África partindo somente da documentos escritos como fonte histórica, pois tal ato iria excluir

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

civilizações em que a predominância era a oralidade. Além de reivindicar a existência de outras fontes para a construção do conhecimento histórico sobre o continente africano.

Em decorrência da diversidade de fontes históricas que podem ser analisadas faz com que Ki-Zerbo ressalta a necessidade da interdisciplinaridade, da participação de demais ciências, no processo de análise e escrita da história. Pois, o historiador não se deve limitar aos estudos das fontes escritas, já que as que existem sobre a África, estão distribuídas pelo mundo e necessitaria de uma nova releitura, já que até então as interpretações das mesmas poderiam ter tido interesses coloniais.

Sendo assim, o historiador evidencia as possíveis fontes de análise para a construção da história da África e como a interdisciplinaridade se faz necessária, em especial ao tratar das evidências arqueológicas, cronológicas, orais, linguísticas, antropológicas, etnológicas e artísticas. Além disso, em HGA, aponta-se que são fontes de difícil manuseio pela escassez das fontes e pelo processo de constituição de instituições de salvaguarda dos documentos nos contextos pós-emancipação. Dentre todos os conjuntos documentais mencionados, destaca-se a fonte oral que o historiador defende abertamente, é um continente que contém uma tradição oral muito forte, pois entende que a fonte oral é um museu vivo. A fonte oral caminha junto com a análise linguística, sendo possível analisar a cultura, o movimento e a estrutura do grupo falante de determinada língua. Mas, essa análise precisa ser endógena,ou seja, por africanos, falantes da língua, não ocorrendo erros na interpretação. Para Ki-Zerbo, somente africanos poderiam saber se as palavras associadas teriam realmente correspondência entre si ou seriam faltas de articulações (KI-ZERBO, 2010, p. XLIV).

Ki-Zerbo adentro seu pensamento sobre a escrita da história da África realizada por africanos na introdução da *História Geral da África*, apresentando mais cientificidade e métodos em sua escrita, já afirmando que até meados do século XX não era considerado que "a África tem uma história", isto é, sua própria história, para além do colonialismo e das definições dentro da historiografia europeia de "tribos" e "selvagens". Ou seja, até então, a história da África não era sobre seus povos e culturas, era sobre um continente que não se enquadrava aos quesitos europeus, logo, era inferiorizada. Neste movimento de denúncia do eurocentrismo, Ki-Zerbo também demarca o interesse limitado por parte dos europeus em (re)pensar as historicidades africanas:

> "A história da África deve ser reescrita. E isso porque, até o presente momento, ela foi mascarada, camuflada, desfigurada, mutilada. Pela "força das circunstâncias", ou seja, pela ignorância e pelo interesse. Abatido por vários séculos de opressão, esse continente presenciou gerações de viajantes, de traficantes de escravos, de exploradores, de missionários, de procônsules, de sábios de todo tipo, que acabaram por fixar sua imagem no

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

> cenário da miséria, da barbárie, da irresponsabilidade e do caos. Essa imagem foi projetada e extrapolada ao infinito ao longo do tempo, passando a justificar tanto o presente quanto o futuro" (KI-ZERBO, 2010. p. XXXII).

São evidentes os ideais pan-africanista de Ki-Zerbo e sua proposta da perspectiva africana, de um olhar mais sensível para a história do continente. Para ultrapassar o conceito da África ser a-história, o historiador ainda ressalta que não é uma "história de revanche", e sim "de mudar a perspectiva e ressuscitar imagens "esquecidas" ou perdidas", dando-se com o amparo da ciência para criar uma consciência na sociedade. Portanto, não é somente africanizar a história, mas tendo como parte do processo a conscientização do povo africanoe o seu reconhecimento, ideia que se assemelha a algumas vertentes do pan-africanismo.

Assim, Ki-Zerbo define quatro princípios para pesquisa em África, sendo primeiro a *Interdisciplinaridade,* "cuja importância é tal que chega quase a construir por si só uma fonte específica" (KI-ZERBO, 2010, p. XLIX). É base para uma pesquisa que busque abordar uma "história completa", com abundância em fonte e sendo possível compreender um fato a partir de inúmeras perspectivas. Segundo , a necessidade da *História ser vista vista do interior*, ou seja, um conhecimento endógeno a partir da perspectiva africana. Seguindo no terceiro ponto, Ki-Zerbo expressa que "essa história é obrigatoriamente a história dos povos africanos em seu conjunto" (KI-ZERBO, 2010, p. LIV) enfatizando uma noção pan-africana do conhecimento histórico sobre a África. E por fim, o quarto princípio é evitar ser excessivamente factual, para não destacar sobremaneira os acontecimentos externos e inflexões no continente, mas sim, tratar mais de civilizações, instituições e estruturas.

Dessa forma, Ki-Zerbo compreende e propõe a necessidade da africanização da história do continente e com métodos de análise não europeu, que tem a escrita como principal fonte histórica, no século XX. Para escrever sobre a história de um povo, do qual não se pertencem, primeiro é necessário compreender a dinâmica, estrutural e funcionalidade daquele povo, como é sua cultura. No caso de só depois coletar fontes que expressam a história dos mesmo, seria um erro do ofício do historiador ter somente como fonte a documentação escrita, as pessoas pertencente àquele povo e a história, o ser humano é um sujeito histórico que pode ser uma fonte de estudo como as fontes orais, cabe a ciências ter métodos de pesquisa para além da documentação escrita. É necessário adaptar-se e respeitar quem ali está sendo "escrito", caso não seja pertencente a essa história.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escritora nigeriana Chimamanda Adichie, afirmou em uma palestra concedida ao *Ted Talk* em 2009 com o tema *O perigo de uma História única,* e dez anos depois adaptada em um livro, que através das leituras de autores africanos salvou-se de ter uma "história única", pois até então suas referências eram de autores europeus, assim como ao ir para os Estados Unidos, sua colega de quarto na faculdade tinha uma única história sobre a África ao todo, questionando, inclusive, o modo como Chimamanda falava um inglês tão fluente de "nativo", - sem ter conhecimento de que o inglês que é uma das línguas oficiais da Nigéria, evidenciando o modo como sua colega de quarto compreendia a África como um lugar de miséria, ou de sujeitos passivos, aguardando a salvação, que viria de um branco gentil.

Assim como a colega de quarto de Chimamanda Adichie, não-africanos também ouviram e leram várias versões sobre uma única história do continente africano. Tal ato que vem de um poder político imperialista reproduzindo estereótipos negativos sobre o continente, existindo como uma justificativa para a "salvação" daquele povo sofrido. Assim, é escolhido pelos detentores do poder o que será contado e como será contado, gerando alienação na população que olha para a história sendo reproduzida como uma verdade absoluta. Ao se depararem com movimentos, como o pan-africanismo, têm fortes tendências à marginalização desses movimentos, inviabilizando seus protagonistas históricos.

Por séculos, o pensamento europeu definiu qual história do continente seria contada, como seria caracterizado os povos africanos. Porém, ao longo do século XX surgem movimentos que resistem a esse imperialismo, questionando as bases eurocêntricas do conhecimento histórico. O trabalho de Joseph Ki-Zerbo, ao lado de outros historiadores que a partir da década de 1950 tiveram predominância e destaque dentro da academia africana, chamando a atenção em escala global ao mostrarem que o continente não tem uma história única. E Ki-Zerbo levanta esse ponto ao trazer uma história partindo da perspectiva africana.

Suas obras foram essenciais para um novo olhar sobre a história e questionar a partir de quais parâmetros a história está sendo escrita. Quem está sendo retratado e ouvido? E de que forma está sendo retratada? Ao escrever sobre a história da qual não se pertencem, é preciso saber ouvir, obter fontes e como utilizar, pois não é algo do outro e sim de si mesmo. Como diz Joseph Ki-Zerbo "não se pode viver com a memória dos outros" (KI-ZERBO, 1989, p. 36).

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

REFERÊNCIAS

ABDELMADJID, Salim. **Joseph Ki-Zerbo: o intelectual, a política e a África.** In: OLUKOSHI, Adebayo; NYAMNJOH, Francis. (Orgs.). Homenagem a Joseph Ki-Zerbo. In: CODESRIA, Boletim n.º 3 e 4, 2007, p. 26-39. 29 maio. 2023

BARBOSA, Muryatan Santana. **Eurocentrismo, História e História da África**. Sankofa (São Paulo), [S. l.], v. 1, n. 1, p. 47-63, 2008. DOI: 10.11606/issn.1983-6023.sank.2008.88723. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/88723. Acesso em: 23 maio. 2023.

_____. **O debate pan-africanista na revista *Présence Africaine* (1956-1963)**. História (São Paulo), São Paulo, v. 38, p. 1-21, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019006. Acesso em: 31 maio 2023.

_____. **Razão Africana: Breve História do Pensamento Africano Contemporâneo**. São Paulo: Todavia, 2020.

BOLSANELLO, Maria Augusta. **Darwinismo social, eugenia e racismo: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira.** Educar em Revista, Curitiba (Pr), n. 12, p. 153-165, dez. 1996. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.166.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales**: a revolução francesa da historiografia. São Paulo: UNESP, 1992.

CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida *et al*. **Intelectuais das Áfricas: aproximações.** In: CARVALHO FILHO, Silvio de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos. Intelectuais das Áfricas. São Paulo: Pontes, 2018.

FERREIRA TEIXEIRA, E. . **Joseph Ki-zerbo e Clóvis Moura: Cultura Histórica, Teoria Social e Projetos Historiográficos Comparados (1948- 2003**). Revista Historiador, *[S. l.]*, n. 11, 2020. Disponível em: https://www.revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/216. Acesso em: 6 jun. 2023.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. **A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar.** In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). História cultural: experiências de pesquisa. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

HAKIM. **Pan-Africanismo**: uma história. Salvador: Edufba, 2022. 443 p.

KANT, Immanuel**, Observations sur le sentimento du beau et du sublime.** In Oeuvres hilosophiques. Paris: Gallimard/NRF,1980, vol I, p.458(AK.II, 213).

KI-ZERBO, Joseph. (org.) **Introdução Geral**. In: História Geral da África. I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

_____. História da África Negra. 2 Vols. [1972]. Lisboa: Europa-América,

1999.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05

_____. **Para quando a África?** Entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro: Pallas, 2009).

_____. **The negro-african personality**. Présence Africaine, no. 41, vol. 13, second quarterly, 1962.

LEMOS, G. O. **A África na historiografia e na história da Antropologia**: reflexões sobre "natureza africana" e propostas epistemológicas. Tematicas, Campinas, SP, v. 23, n. 45, p. 155–182, 2015. DOI: 10.20396/tematicas.v23i45/46.11105. Disponível em: https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11105. Acesso em: 23 maio. 2023.

MACEDO, José Rivair. **Os filhos de Cam: a África e o saber enciclopédico medieval.** SIGNUM: Revista da ABREM, v. 3, p. 101-132, 2001.

MELO, A. da S. DESLOCANDO O SABER: Representações sobre África e mulheres africanas na "historiografia oficial". Kwanissa: **Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**, *[S. l.]*, v. 1, n. 2, 2018. Disponível em: http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/9757. Acesso em: 23 maio. 2023.

Mendonça, Anderson Guimarães. **Da África para os angolanos**: Mário Pinto de Andrade, Frantz Fanon e Joseph Ki-Zerbo nos movimentos de libertação (1954-1964). **História E Cultura** 9.2 (2020): 358. https://doi.org/10.18223/hiscult.v9i2.3113. Acesso em: 23 maio. 2023.

OLIVA, A. R. **A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática.** Estudos Afro-Asiáticos, ano 25, n.3, 2003. p.444-461. Disponível em: https://www.scielo.br/j/eaa/a/jSfDJDycj4nzJwRH6W3xzLH/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 20 maio. 2023.

PAIVA, F. Ulisses Retornado: **Joseph Ki-Zerbo e a África da perspectiva africana.** Revista Angelus Novus, *[S. l.]*, n. 9, p. 41-62, 2016. DOI: 10.11606/ran.v0i9.120100. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ran/article/view/120100. Acesso em: 23 maio. 2023.

REIS, J. C. História da História (1950/60). **História e Estruturalismo: Braudel versus Lévi-Strauss**. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 08–18, 2009. DOI: 10.15848/hh.v0i1.1. Disponível em: https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1. Acesso em: 23 maio. 2023.

Telles, L. E. C. (2017). **Um olhar sobre a historiografia africana e afro-brasileira**. Revista História Hoje, 1(1), 239–252. https://doi.org/10.20949/rhhj.v1i1.18

TURIN, Rodrigo**. História da historiografia e memória disciplinar: reflexões sobre um gênero.** Revista História da Historiografia**,** n. 13, 2013, pp. 78-95. DOI: 10.15848/hh.v0i13.673. Disponível em: https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/673. Acesso em: 6 maio. 2023.

Versão Final Homologada
27/06/2023 08:05